

AFETIVIDADE NA ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA – RJ

Bianca de Assis Ribeiro Gaspar¹

Luciana da Silva Almeida²

RESUMO

O presente trabalho, que se caracteriza como estudo de caso, buscou investigar o impacto da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização. Para isso, partimos da compreensão de que a afetividade é uma dimensão humana que abrange sentimentos, emoções, desejos e motivações, e desempenha um papel crucial na construção do conhecimento. Já a alfabetização, concebemos como um processo social e cultural, envolvendo não apenas a mestria da leitura e escrita, mas também práticas sociais significativas. Partindo dessas premissas, a pesquisa foi realizada com professoras que atuam em classes de alfabetização em uma escola pública do Município de São Francisco de Itabapoana, interior do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia incluiu a observação participante, entrevistas semiestruturadas e pesquisa bibliográfica. As entrevistas individuais com cada professora seguiram um roteiro prévio de questões abertas. Além disso, a pesquisa bibliográfica explorou teorias sobre a afetividade na alfabetização, incluindo contribuições de Paulo Freire (1921/1997), Magda Soares (1932/2023) e Rubem Alves (1980). A análise das entrevistas revelou que na perspectiva das educadoras a afetividade é um fator essencial para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Portanto, os professores alfabetizadores devem considerar a afetividade em sua prática pedagógica, pois, tal perspectiva poderá contribuir de forma significativa para a formação de leitores e escritores competentes e críticos.

Palavras-chave: Afetividade. Alfabetização. Práticas Pedagógicas

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo fundamental para o desenvolvimento humano, pois possibilita o acesso ao conhecimento, à cultura, à cidadania e à comunicação. No entanto, muitos alunos enfrentam dificuldades para aprender a ler e a escrever, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e educacional. Essas dificuldades podem gerar desmotivação, frustração, baixa autoestima, evasão escolar e analfabetismo funcional.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, biank-assis@hotmail.com;

² Professora Orientadora: Pós-Doutoranda em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, almeida.92luciana@gmail.com;

Diante desse cenário, surge a seguinte questão-problema: de que forma a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização dos alunos do Ensino Fundamental I em uma escola pública? O objetivo deste estudo é analisar a influência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I em uma escola pública de São Francisco de Itabapoana, Rio de Janeiro, a partir da percepção de professoras alfabetizadoras.

Esta pesquisa se fundamenta nas teorias de Paulo Freire (1921/1997), Magda Soares (1932/2023) e Rubem Alves (1980), que abordam a importância da afetividade, da dialogicidade, da ludicidade e da interdisciplinaridade na educação, especialmente na alfabetização. Esses autores defendem que o processo de ensino e aprendizagem deve ser baseado na interação, na cooperação, na criatividade e na criticidade, respeitando as diferenças e as singularidades dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa é relevante e atual, pois contribui para o debate sobre a qualidade da educação pública no Brasil, especialmente no que se refere à alfabetização, que é uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE). Além disso, esta pesquisa é inovadora e original, pois propõe uma abordagem afetiva da alfabetização, que considera não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais, sociais e éticos do processo de ensino e aprendizagem.

ALFABETIZAÇÃO E AFETIVIDADE: PERSPECTIVAS DE PAULO FREIRE, MAGDA SOARES E RUBEM ALVES NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ALUNOS

A alfabetização, um processo fundamental para o desenvolvimento humano, é amplamente discutida por teóricos como Paulo Freire e Magda Soares, que oferecem perspectivas distintas, mas complementares. Ambos abordam a alfabetização como um fenômeno complexo e multifacetado, que vai além da simples decodificação de palavras e envolve a formação integral do indivíduo.

O processo de alfabetização é de extrema importância na vida da criança, pois a inclui na sociedade. É um processo de muita descoberta e aprendizado, que consiste em aprender a decifrar os códigos de comunicação, utilizados pela sociedade para ler e escrever. A leitura é um dos principais meios para desenvolver importantes habilidades para o processo da alfabetização, como memória, imaginação e atenção. Por isso, esse

processo deve ser adaptado à realidade dela, e ensinar com afeto é uma forma evolutiva para a criança.

Paulo Freire, em sua obra "Pedagogia do Oprimido" (1970), propõe uma visão crítica e emancipadora da alfabetização. Para Freire, alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas também possibilitar que o indivíduo compreenda sua realidade e seja capaz de transformá-la. Ele introduz o conceito de "educação bancária", onde o conhecimento é depositado no aluno de maneira passiva, e contrapõe com a "educação problematizadora", que incentiva a reflexão crítica e a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem.

Freire defende que a alfabetização deve ser um ato político e cultural, onde o educador atua como um facilitador que promove a dialogicidade. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, ou seja, o aluno deve compreender e questionar sua realidade antes de aprender a decodificar o texto escrito. A prática pedagógica deve, portanto, ser contextualizada e conectada à vida dos alunos, promovendo uma consciência crítica e transformadora.

Magda Soares, uma das principais referências em alfabetização no Brasil, aborda o processo de alfabetização de maneira mais técnica, mas não menos significativa. Em sua obra "Alfabetização: A Questão dos Métodos" (1999), Soares explora diferentes métodos de alfabetização, destacando a necessidade de uma abordagem equilibrada que contemple tanto a mecânica da leitura e escrita quanto os aspectos cognitivos e sociais envolvidos.

Para Soares, a alfabetização é um processo que envolve a apropriação do sistema de escrita e, simultaneamente, a inserção do indivíduo na cultura letrada. Ela argumenta que a alfabetização deve considerar o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e a compreensão das funções sociais da escrita. O aprendizado não deve ser fragmentado, mas integrado, permitindo que os alunos construam sentido a partir de suas experiências e contextos sociais.

Soares enfatiza a importância do letramento, que vai além da alfabetização tradicional, abrangendo as práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Ela propõe que o processo de alfabetização deve ser permeado por práticas letradas significativas, que despertem o interesse e a curiosidade dos alunos, conectando o aprendizado à sua vida cotidiana.

Contudo, o desenvolvimento da criança não está pautado somente no aspecto cognitivo, mas também no aspecto afetivo. O ser humano tem necessidade de ser ouvido,

acolhido e valorizado, nesse sentido a afetividade está ligada à autoestima. A autoestima é fundamental para o processo de alfabetização, que envolve inúmeros desafios para as crianças, dessa forma é importante cuidar do aspecto socioemocional dos alunos na alfabetização, ensinar com afetividade gera um bom desenvolvimento cognitivo, “o afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.” (ALVES, 2021), é através do afeto que a autoestima do aluno é valorizada, fazendo com que sonhe e busque realizar sem medo das dificuldades.

Nessa perspectiva, Rubem Alves destaca a importância da afetividade no processo educativo. Em suas reflexões, Alves sugere que a relação afetiva entre professor e aluno é essencial para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Segundo ele, o ato de ensinar deve ser carregado de paixão e afeto, criando um ambiente acolhedor e estimulante para o aluno. A afetividade, para Alves, é o que torna o aprendizado significativo e motivador, permitindo que o aluno se sinta valorizado e compreendido.

O primeiro grupo social da criança é a família, na qual a criança começa a criar experiência e memória afetiva. Em seguida, a criança ingressa na escola, onde se depara com grupos diversificados, com culturas e ideologias diferentes, o que vai proporcionar uma moldura para sua identidade. Nesse ciclo, a criança precisa aprender regras de convívio com o outro e inicia o aprendizado dos códigos do alfabeto, com tantas informações é muito importante o professor ensinar com afeto, valorizando o seu aluno, ajudando a diminuir os impactos negativos no processo da alfabetização.

Esta é a regra fundamental desses computadores que vivem no corpo humano: só vai para a memória aquilo que é objeto de desejo. A tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda (ALVES, 1994, p. 70).

É necessário o professor conhecer seus alunos e sua realidade, para adequar as atividades. Como Rubem Alves cita em seu livro, o professor precisa despertar o desejo do aluno, deixá-lo curioso, para que possa usar da sua imaginação e conhecimento de vida para querer aprender a ler. O mural do alfabeto silábico por exemplo, não pode ser aquele comprado, ou que foi usado por vários em escolas diferentes, eles precisam ser adaptados para o cotidiano dos alunos, de acordo com aquela comunidade. “A cabeça pode esquecer, mas aquilo que foi aprendido com o coração, não é esquecido nunca” (ALVES, 2021, p.

63). Quando o aluno faz associação do código com palavras de seu cotidiano, ele transborda com sua autoestima, se sente acolhido.

No processo de alfabetização a criança precisa de um apoio múltiplo, apoio familiar, apoio da escola e apoio do professor. O apoio familiar é muito importante pois tem a responsabilidade de manter a frequência do aluno na escola, dar continuidades nas tarefas de casa, proporcionar um lar com segurança, uma boa alimentação e a rotina da criança, tudo conforme a realidade de cada lar.

A escola tem a responsabilidade de proporcionar um ambiente acolhedor, feliz com boa alimentação, pois a realidade social da maior parte da comunidade é de extrema pobreza, muitos tem a refeição principal à que a escola proporciona. A escola precisa ter espaço para atividades de socialização e proteção.

O professor tem a responsabilidade de tecer esses laços para que o aluno tenha um aprendizado com proveito, onde com um olhar atencioso compartilhe com seus alunos seu aprendizado, deixando-os serem participativos sem uma educação bancária. Para Freire (2021), “A educação que precisamos há de ser a que liberta pela conscientização, a que comunica e não faz comunicados”, o professor ensina com afeto e não com intolerância, leva o conhecimento que a comunidade carece e aprende com a cultura local, utilizando métodos que auxiliam no aprendizado da comunidade.

Tanto Paulo Freire quanto Magda Soares oferecem contribuições essenciais para a compreensão da alfabetização. Freire destaca a dimensão política e cultural do processo, enquanto Soares foca nos aspectos técnicos e sociais. Juntos com a perspectiva de Rubem Alves sobre a afetividade, esses teóricos nos lembram que a alfabetização é um processo complexo que deve ser abordado de maneira holística, considerando o indivíduo em sua totalidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa iniciou com uma revisão de literatura no intuito de ter base teórica, na qual os autores Paulo Freire, Magda Soares e Rubem Alves, são os pilares para o desenvolvimento da pesquisa. Com o objetivo de coletar mais informações sobre relação da afetividade e educação foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola municipal buscando compreender na perspectiva dos professores, qual a importância da afetividade no processo de alfabetização. As entrevistas foram feitas a partir da definição prévia de

dez perguntas, para professores do 1º ano da mesma escola municipal e observação da turma.

O campo empírico foi uma Escola Municipal de São Francisco de Itabapoana, do interior do Estado do Rio de Janeiro, na qual a condição socioeconômica do município é rural, a maior parte da população são trabalhadores rurais e/ou empregadas domésticas, com meio de transporte precário. A maior parte 24 das famílias se locomovem de carroça, bicicleta ou motocicleta sem habilitação, por esse motivo o município proporciona o ônibus escolar, visto que no município não há ônibus circular.

A escola atende 147 alunos distribuídos e 7 turmas do ensino fundamental I, com 9 professores e 7 mediadores. A escola contém uma estrutura média, é formada por 5 salas, 2 banheiros, refeitório, cozinha, secretaria, quadra de areia e um pátio.

O ambiente da escola é bem agradável e acolhedor, embora a pintura esteja um pouco gasta, as salas e refeitório são lúdicas e o pátio com amarelinha onde as crianças brincam na hora do intervalo. O público dessa escola municipal são alunos filhos de trabalhadores rurais, em muitos casos, são crianças que moram com as avós, por terem seus pais falecidos ou serem filhos de mães solo, em que a avó cuida para que as mães trabalhem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada a partir da definição de 10 perguntas direcionadas para as professoras do primeiro ano. A escola em questão oferece duas turmas com 21 alunos cada uma, após o período da pandemia, a escola iniciou um projeto de alfabetização para qualificar o nível de alfabetização, tendo uma professora que trabalha do primeiro ao quinto ano uma vez na semana, dando aula de reforço na alfabetização, a qual também respondeu ao questionário.

A autorização foi feita através da liberação na SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), que posteriormente, a diretora da escola assinou liberando a entrada na escola para observação e pesquisa. Antes de responder os questionários, foi explicado o total anonimato, preservando a segurança de cada uma das entrevistadas, para que não houvesse nenhum conflito em seu trabalho futuramente.

As professoras entrevistadas têm idade de 40, 47 e 54 anos, a professora A tem formação superior em geografia e especialização em ensino religioso e cultura afro-brasileira, trabalhou 11 anos na rede pública, sua turma tem 21 alunos e 1 mediadora que

auxilia dois de seus alunos. A professora B possui formação superior em matemática, tem 20 anos de experiência na alfabetização, sendo 3 anos gestora da mesma escola no contraturno, sua turma tem 21 alunos e uma mediadora para um aluno. A professora C tem formação de ensino superior em administração e em Biologia, atualmente está cursando letras, como professora atuou 20 anos na educação, porém, está há 15 anos atuando na alfabetização, ela dá aula nas turmas uma vez por semana, com um projeto para igualar a alfabetização, tentar cessar os prejuízos que a pandemia trouxe para a educação.

Na primeira pergunta, buscamos compreender se o profissional aprende na formação do cotidiano; se reinventam ou reaproveitam as práticas, todas responderam que aprendem sim com o cotidiano e é necessário reinventar suas práticas para se adequar ao aluno.

Na segunda e terceira pergunta do questionário, foi interrogado qual o conceito de afetividade e qual a relação afetividade e educação/alfabetização, duas (B e C) responderam que é se colocar no lugar do outro, conhecer a realidade do aluno ajudar ele a se sentir seguro e acolhido; uma acredita ser somente a harmonia e a dedicação e a relação da afetividade e educação/alfabetização existem uma educação baseada na aprendizagem e construção do conhecimento do aluno.

Sobre o planejamento de aula afetivo e metodologias utilizadas, duas (B e C) acreditam que é um planejamento que visa acolher todos com sua diversidade, que a aula fica mais especial pois conseguem abranger temas que auxiliam melhor o aluno, que utiliza recursos didáticos como teatro, músicas, contos, já que o livro não vem de acordo com a realidade do aluno. Para a professora A seria a paciência e dedicação que ela tem com a sala de aula, suas metodologias são os livros e folhas de atividades.

Quando perguntado sobre a autonomia e se costumam utilizar aulas lúdicas, a resposta foi que a autonomia existe sim, desde que não abandonem o eixo principal que seguem da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura). As professoras B e C responderam que utilizam em suas aulas recursos como histórias, adivinhas, fichas de leitura e ortografia, jogos e contos para estimular o aprendizado dos alunos.

Em relação ao novo Programa da Educação/2023, Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, a resposta obtida é que a SMEC adere ao programa, porém na opinião delas o currículo mínimo precisa estar mais adequado à realidade dos alunos.

A última pergunta feita, foi qual a motivação para os alunos do município abandonarem a escola ainda no ensino fundamental I; Essa foi uma resposta unânime,

onde o fator socioeconômico tem sido a maior motivação para o abandono precoce dos estudos, muitos dos alunos faltam para auxiliar seus familiares no trabalho rural, isso leva a reprovação por falta, o que desestimulam a permanência na escola, uma vez que acham mais lucrativo o trabalho rural, até pela necessidade de sobrevivência.

Muitos acabam se entregando aos vícios para aguentar o trabalho rural, muitas das vezes influenciados por outros, e as consequências têm sido o aumento do tráfico em nossa cidade (Professor C).

A partir da análise dos dados coletados, foi possível concluir que a afetividade é um fator importante para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, que interfere na construção do conhecimento e no domínio da leitura e da escrita.

As professoras entrevistadas demonstraram ter uma concepção de afetividade diferentes umas das outras; As professoras B e C demonstram ter uma concepção que envolve se colocar no lugar do outro, conhecer a realidade do aluno, ajudá-lo a se sentir seguro e acolhido, além de ter harmonia e dedicação em criar atividades diferentes para que todos possam aprender de forma diferente; A professora A, entender que sua dedicação para ensinar com material que já é disponibilizado pela prefeitura, é uma forma afetiva de ensinar a turma, pois ela precisa ter paciência e muita dedicação com a turma.

Porém, todas relataram a dificuldade que tem para trabalhar em sala de aula com o material que lhes é cedido. Relatam ter divergências em relacionar o material que vem, seguindo as normas da BNCC e a realidade da comunidade, o que dificulta trabalhar as dificuldades dos alunos, já que precisam acompanhar currículo mínimo muito a frente das necessidades reais dos alunos da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi investigar como a afetividade influencia o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização de alunos do Ensino Fundamental I em uma escola pública. Para isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) compreender o conceito de afetividade e sua relação com a educação e a alfabetização; b) identificar as práticas pedagógicas afetivas utilizadas pelas professoras que atuam na alfabetização, usando instrumentos como entrevista e observações; c) Realizar uma análise bibliográfica a fim de verificar estudos que se debruçam sobre a questão da

afetividade na alfabetização. A metodologia adotada foi a entrevista semiestruturada com três professoras que trabalham na alfabetização em uma escola municipal de São Francisco de Itabapoana - RJ, além da pesquisa bibliográfica sobre as principais teorias de afetividade na alfabetização.

A afetividade é entendida como uma dimensão humana que envolve sentimentos, emoções, desejos e motivações e que interfere na construção do conhecimento; a alfabetização é concebida como um processo social e cultural que implica o domínio da leitura e da escrita como práticas significativas. Dito isso, entende-se que a afetividade é uma ferramenta facilitadora para a alfabetização, em que o educador utiliza da realidade cultural e social do aluno para motivá-lo a aprender de forma que o educando possa partilhar seus conhecimentos, tornando assim uma relação de confiança entre professor e aluno.

A partir das entrevistas que foram feitas, pode-se concluir que há uma preocupação por parte das professoras e da escola em utilizar metodologias de acordo com a realidade do aluno, tornando suas aulas leves e agradáveis. Eles entendem que são necessárias metodologias diferentes para adaptar às diversidades culturais e sociais dentro da escola. A SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) já possui um plano para qualificar o nível de alfabetização, com projetos de leitura e aulas complementares durante o mesmo turno de aula uma vez na semana, porém, o currículo mínimo precisa de ajustes para a realidade dos alunos.

A partir das análises bibliográficas, é possível concluir que ao valorizar a afetividade no processo de ensino e aprendizagem funciona como elemento facilitador da alfabetização e que criando um ambiente acolhedor dos espaços de aprendizagem, na medida que possibilita estabelecer vínculos positivos com os alunos, respeitando suas individualidades.

Diante disso, pode-se inferir que a afetividade é essencial para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, pois influencia a construção do conhecimento e o domínio da leitura e da escrita. As professoras entrevistadas tinham uma visão de afetividade que implicava empatia, conhecimento da realidade do aluno, segurança e acolhimento, harmonia e dedicação. Essa visão se manifestava nas suas práticas pedagógicas, que acolhiam a diversidade dos alunos, usando recursos didáticos como teatro, músicas, contos, histórias, adivinhas, fichas de leitura e ortografia, jogos e contos para estimular o aprendizado dos alunos. Essas práticas afetivas favoreciam a formação de leitores e escritores competentes e críticos, que se sentiam motivados e valorizados na escola.

Durante o período do estágio, foi possível entender a diferença de metodologias entre as professoras para ensinar as turmas, ocasionando em uma preocupação em estudar sobre a afetividade, pois como mãe de alunos autistas, já tinha experiência quando não se é adaptado o conhecimento para o aluno. O aluno atípico estava na sala da professora B, e esse aluno estava muito desmotivado, pois anos anteriores tinha sido chamado de “burro” por outra professora em relação à dificuldade do aluno em aprender e pelo fato de não ter mediadora para o aluno, deixando a professora sobrecarregada.

A responsável do aluno atípico ficou sabendo que a sala do aluno era a turma com mais dificuldades e por isso a professora não utilizava o livro didático, isso fez aumentar a preocupação, pois o filho já estava desmotivado, não pensava mais em fazer faculdade e ter a tão sonhada profissão, pois estava acreditando ser incapaz, devido o ano anterior, porém, a mãe confiou e esperou.

Para a surpresa da mãe, foi um ano de muita evolução do filho, que foi tratado de maneira inclusiva, e o aluno atípico se destacou na turma, sem mediadora, e sem provas adaptadas, pois a professora foi a facilitadora para esse aluno.

Conclui-se que a afetividade é um fator importante, principalmente no processo de alfabetização, pois é o complemento para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança durante a alfabetização, sendo um facilitador para formação de cidadão com domínio da linguagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Ao professor com carinho: a arte do pensar e do afeto. São Paulo: Planeta, 2021, 128 p.

ALVES, Rubem. Alegria de ensinar. 14^a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 3^a ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

ALVES, Rubem. Conversas com Quem Gosta de Ensinar. São Paulo: Cortez, 1980.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. O Educador da Liberdade: Memorial Virtual Paulo Freire- Fundação Educar. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/573b5cd0-9412-48f5-87db-4b3a168ce2e2>. Acesso em: 20 nov. 2023

LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. 1690



SALLA, Fernanda. O conceito de afetividade de Henri Wallon. Nova Escola, 1 de outubro de 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003. SOARES, Magda. Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.